

Entrevista com Luís Quintais

*«É a poesia linguagem, tão-só?» Entrevista com o poeta Luís Quintais
por Virgínia Boechat**

* Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, onde desenvolve pesquisa sobre a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Também antropólogo e professor da Universidade de Coimbra, o poeta Luís Quintais é reconhecido hoje como uma das «novas vozes» da poesia portuguesa. Publicou *A Imprecisa Melancolia* (1995), contemplado com o III Prêmio Aula de Poesia de Barcelona, *Umbria* (1999), *Lamento* (1999), *Verso Antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), tendo este recebido os prêmios PEN Clube Português de Poesia e Luís Miguel Nava – Poesia, além de *Canto onde* (2006). Integra antologias e teve seus poemas traduzidos para diversas línguas. No entanto, só agora, em Agosto de 2008, será publicado no Brasil, em uma antologia de poemas seus organizada pelo professor e poeta Luís Maffei e prefaciada pela professora Ida Ferreira Alves. Será o terceiro livro de uma coleção chamada «Portugal, 0»¹, dedicada a publicar a recente produção literária portuguesa, pela editora Oficina Raquel, no Rio de Janeiro.

VIRGÍNIA BOECHAT (VB) – Com raríssimas exceções de largo reconhecimento, algumas ligações – mas quase em escala artesanal –, como a da editora que o publicará no Brasil, têm sido estabelecidas entre a literatura portuguesa e a brasileira, seus autores, editores, leitores, críticos. Você acha que a tendência é mesmo que persista uma espécie de desconhecimento mútuo entre as literaturas brasileira e portuguesa? Isso ocorre em geral nas literaturas de língua portuguesa de diferentes países? E, pergunto ainda, você acha que se interpõe alguma fronteira que seja real obstáculo a um intercâmbio dessa natureza?

LUÍS QUINTAIS (LQ) – É muito difícil de responder a isso. Como sou um céptico, quero crer que o facto de partilharmos uma língua não nos torna necessariamente mais próximos. Talvez essa «semelhança» ou «afinidade electiva» seja ilusória, produto de uma distorção que faz supor que uma mesma língua (e uma história que se cruza) faça supor necessariamente reconhecimento. Penso que, em geral, os intelectuais brasileiros desconhecem este «velho mundo» que se chama Portugal e que é apenas um subúrbio do mundo climatizado a que chamamos de Europa. Penso também que os intelectuais portugueses se afadigam em dar por adquirida uma relação que simplesmente é improvável, ou pelo menos tão improvável como outra qualquer. Talvez sejam saudades do Império e da identidade (que são, como sabemos, patologias de considerável proporção entre muita gente). Alguns, por cá, ainda pensam que o Brasil é uma invenção portuguesa, coisa que me arrepiia. Seja como for, aqui estou eu, a responder ao interesse e à generosidade de gente que está do outro lado do Atlântico, e que lê poesia. Quero crer que são apenas amigos que gostam e lêem poesia, num mundo onde isso não tem função e importância. E está certo assim.

VB – Você tem contato com a literatura brasileira? Você é um leitor de que literatura?

LQ – Algum contacto. Drummond e João Cabral foram e são importantes para mim. E há alguns contemporâneos que admiro: Carlito Azevedo, por exemplo. Ah, é verdade, tenho a Maria Ângela Alvim como uma das minhas figuras de eleição, ao lado dos portugueses que me marcaram e influenciaram mais: Fiamma, por exemplo. Ao lado também dos anglo-saxónicos (talvez os mais importantes para aquilo que faço): Wallace Stevens, sobretudo. Mas também Weldon Kees (que é um fantasma na minha escrita), ou, mais recentemente, Paul Auster, que é (ou melhor, foi, porque abandonou a poesia), um poeta enorme.

VB – *De alguma maneira, o próprio lugar da literatura, e mais estritamente da poesia, é em si, hoje em dia, um lugar da escala artesanal?*

LQ – Prefiro chamar-lhe o sítio lento, um lugar de pensamento, de suspensão.

VB – *Sua poesia traz versos como os do poema «Realidade» – incluído na antologia – que afirma que «As coisas são o que são». [...] / Os signos são os poucos recados que a vida pouca nos traz». É possível ler esse poema sem perder de vista que você é, profissionalmente, também um pesquisador da cognição. Configura-se aí uma realidade «desprovida de silêncios», em que os signos aparecem como uma gravidade capaz de aderir as coisas à terra. Pode ser este também o lugar da poesia na sua vida?*

LQ – Os Smiths têm uma canção em que se diz, ironicamente, que há mais coisas no mundo do que livros, mas não muitas mais. Eu diria antes que há mais coisas no mundo do que linguagem, mas não muitas mais. Sim, a linguagem é a melhor tecnologia de reconstituição desse *entre*: entre nós e os outros, entre nós e o passado, entre nós e o presente, entre nós e o futuro. Quero crer que, em grande medida, a linguagem inventa os tempos que nos reconhecem, nos quais nos reconhecemos. É a poesia linguagem, tão-só? Não sei. Ando à procura de responder a isso. Talvez seja isso que me faz escrever.

VB – *Certa vez, em uma aula, surgiu uma discussão sobre a descrença na linguagem em alguns poetas portugueses atuais, e constatou-se que era um traço recorrente em vários destes. Mas me parece que na sua poesia ocorre justamente o contrário; parece-me aí que a linguagem surge como a possibilidade de «ancoramento» do sujeito no real e vice-versa. A crença na linguagem realmente é predominante nos seus versos?*

LQ – A resposta anterior é significativa. Sim, não temos muito mais que linguagem. Mas a linguagem não é transparente. É densa, espessa, intransparente. Agarra-nos, protege-nos, defende-nos, mas também nos condena ao seu império

de memória, consciência e finitude. Seja como for, a realidade fora da linguagem é, como se sabe, uma hipótese improvável. Aliás, essa realidade ser-nos-ia insuportável. Vai, vai, diz ainda o pássaro de Eliot, a natureza humana não suporta tanta realidade. E sem linguagem haveria certamente um excesso de realidade em nós.

VB – *A coleção em que se integrará a sua antologia brasileira traz uma «Carta de fundação» que fala sobre uma poesia que «terá, por ser quem é, vários séculos de vida, e terá seu passado em situação de grande novidade». Há na poesia portuguesa recente profícuos exemplos dessa relação com a tradição. Como lhe aparece, como escritor, o peso de um passado desse porte? Qual o seu impulso ao olhar para esse passado?*

LQ – Sim, há uma memória pesadíssima naquilo que faço. Creio que é isso que define um poeta culto. A observação é estritamente descritiva, não é auto-entronizadora, acredite. Aliás, aquilo que eu mais admiro na modernidade é uma certa pulsão destrutiva. Destruir é a única hipótese de saída desta sala atravancada em que vivemos? Sedutora é ainda essa ideia.

VB – *E ao olhar para o presente?*

LQ – O presente será sempre a «repetição da diferença», a usar a expressão de Deleuze. Fazer o múltiplo. Fazer outra vez. Fazer o novo. O presente é uma linha de fuga.

VB – *Duas informações a respeito do seu nascimento chamaram minha atenção: ter ocorrido em 1968 e em Angola. A primeira, pois neste ano de 2008 estamos no momento de discussões acerca dos reais legados de 68. «Identidade», poema de abertura do seu livro Umbria (1999), traz versos como «Ninguém sabe quem sou, / um sinal / que no arenoso fundo / se apaga, / [...]. / Ninguém sabe que és, / naufrago rosto / desenhado / que à submersa luz / te condenas.». Pode ser lido um substrato dessa «tradição histórico-literária-marítima portuguesa», mas o que quero apontar aí é esse sujeito de contornos imprecisos e solúveis, mas capaz de questionar o rosto do passado, e o seu próprio rosto no rosto do passado. Pode ser esta uma condição comum a todos nós, da geração seguinte à da ruptura dos costumes e dos regimes autoritários?*

LQ – O poema citado nada tem a ver com a «tradição histórico-literária-marítima portuguesa». Coisa que eu, aliás, abomino, que nos trouxe muito má poesia ontem e hoje. O lado fluido e mercurial do sujeito é uma hipótese mais consentânea. Mas nada disso começa em 68, ainda que o *Zeitgeist*, se me permite a expressão, de 68 me interesse. Começa muito antes, é iniludivelmente moderno

na sua sistematização. Uma espécie de apuro musiliano (mas também pessoano) no qual me revejo.

VB – *O segundo dado, como disse, que me chamou a atenção é o fato de ter nascido em Angola. Mesmo tendo ido viver em Portugal ainda na infância, há alguma memória dessa vivência angolana que se tenha tornado importante para a sua poesia? Existe ainda algum vínculo seu com Angola?*

LQ – Não existe nenhum vínculo, hoje, com esse território. A grande lição é ter percebido desde muito cedo que tudo é muito frágil nas nossas existências. Que quase sempre vivemos dentro de um cenário pintado a muito custo que pode, de um momento para o outro, desaparecer. Esse é um tema de um dos meus escritores favoritos, J. G. Ballard, que é, seguramente, uma influência importante no meu entendimento do mundo.

VB – *A guerra, que por vezes surge na sua poesia, além de poder ser lida como metafórica mas experienciada, da violência cotidiana do ser humano, pode também ser encarada como uma referência aos conflitos conhecidos como Guerra Colonial, que ocorriam ainda em Angola na época em que sua família lá viveu?*

LQ – Sim, também. Muito jovem fui levado a ver coisas que a maior parte das crianças europeias de hoje não vêem, e ainda bem.

VB – *Certa vez, em uma entrevista, você apontou a poesia como uma das possibilidades de investigação sobre a invenção do real². Há também poemas que falam sobre uma busca. Tendo já perguntado sobre linguagem, poesia, e mencionado seu trabalho como pesquisador, pergunto agora: dessa investigação realizada através da poesia pode-se esperar algum resultado? Você identifica alguma mudança, na sua poesia, que seja consequência de conclusões atingidas nesse percurso?*

LQ – Sim, o meu percurso como antropólogo alimentou sempre a minha poesia. E certamente que o meu percurso como poeta ecoa também na antropologia que faço. É difícil fazer a genealogia. Ecos, reverberações. Ecolalia.

VB – *Além da sua pesquisa acadêmica na Universidade de Coimbra e da poesia, de que outros meios você dispõe para tal investigação (se é que existem outros meios para tal)?*

LQ – A vida, que excede sempre todas as coisas que julgámos um dia ser ou fazer.

¹ Agradeço à editora Oficina Raquel, que me concedeu um exemplar eletrônico do que será a antologia dos poemas de Luís Quintais, vol. 3 de «Portugal, 0».

² Disponível em <www.poesiailimitada.blogspot.com/2006/01/lus-quintais.html>, acesso em 4 de Junho de 2008.

Entrevista também citada no prefácio à antologia.